DISQUE 180

Hoje, saí do trabalho mais tarde do que devia. Não gosto da palavra “devia”. Mulheres vivem cercadas por ela.

O ônibus não estava lotado e consegui viajar sentada, sem precisar ser espremida ou fingir não perceber quando alguém se aproxima demais sob o pretexto de se equilibrar.

Ainda assim, pensei que devia ter ido embora antes. Devia ter chamado um carro por aplicativo. Devia ter avisado alguém. Devia evitar aquela rua.

Mas eram só três quarteirões da parada até minha casa. Três.

Desci e guardei o celular na bolsa antes de dobrar a esquina. Meu pai sempre dizia para não andar com ele na mão. Minha mãe costumava mandar mensagem quando escurecia:
— Chegou?
Às vezes eu respondia ainda no caminho.
“Cheguei.”
Mentia para tranquilizá-la.
Naquela noite, não menti.

A rua estava quase vazia. Um mercado fechando, duas motos estacionadas, um cachorro revirando um saco de lixo. Mais adiante, um homem encostado num carro.

Passei sem olhar. Mulher aprende cedo a não olhar. Também aprende que não olhar pode provocar. Olhar, também.

Atrás de mim, ouvi passos.
Continuei andando. Não virei.

Primeiro erro: demonstrar medo. Segundo erro: não demonstrar.

Apertei a bolsa contra o corpo e os passos continuaram.
Mais rápidos? Talvez.

É difícil saber quando o medo começa a produzir sons.

Atravessei a rua. Os passos atravessaram também. Meu coração fez aquilo que sempre faz nessas horas: tentou sair antes de mim.

Pensei em ligar para alguém, mas não liguei. Não queria que ele percebesse.

Ele. Já era “ele”. Eu nem tinha visto seu rosto.
Se virasse 180º, veria. Mas talvez fosse indiscreto. Talvez parecesse provocação. Talvez fosse o gesto errado, no segundo errado, para o homem errado.

Continuei.

Os passos chegaram mais perto. Havia uma farmácia acesa no fim da rua. Acelerei. Ele também.
Foi então que ouvi:
— Ei, psiu!
Não respondi.
— Ei, moça.

Meu corpo inteiro enrijeceu. Pensei na chave dentro da bolsa. Minha mãe dizia para segurá-la entre os dedos; meu pai dizia para nunca reagir a um assalto; minha tia dizia para gritar “fogo”, porque “socorro” ninguém atendia.
Toda mulher carrega um manual de sobrevivência escrito por outras mulheres.
Nenhuma de nós pediu o livro.
— Moça! Você!
Continuei.

A farmácia parecia mais longe agora.

Foi então que pensei em como tudo isso começara muito antes daquela rua.

Não é fácil ser mulher. É foda ter nascido mulher no Brasil. Sei disso desde que nasci, embora só agora entenda mais da vida. Saí do ventre de minha mãe — outra mulher — condenada também a viver em constante estado de alerta.

É como se houvesse um alvo luminoso em mim: nas costas, na testa, entre minhas pernas. Às vezes me sinto uma gazela lenta, manca, sozinha numa savana rodeada de leões famintos e hienas repugnantes.

Meus primos pequenos andavam na rua descalços e sem camisa. Mesmo sem seios, tão reta quanto eles, eu tinha que usar uma camisa puída. Não podia ficar de calcinha, mas eles podiam ficar de cueca. Mijavam ali no poste, como cachorros, sem esconder seus órgãos.

Eu tinha vergonha. Aprendia a fechar as pernas, sempre. Uma vergonha que me foi imposta.

Não me perguntaram se eu queria aquilo. Exigiam que tinha que ser assim, porque era para minha proteção. Eu estava sob risco.

Eu precisava me cobrir, precisava me comportar, precisava tomar cuidado. Eu. Sempre eu. Como se o perigo fosse uma coisa que nascesse comigo.

Também não se preocupavam muito com a minha opinião. Eu não podia expressar demais, saber demais, querer demais. Era inteligente demais para ser mulher, metida demais por querer querer.

Nunca houve cavalheirismo sem que eu precisasse ao menos desconfiar de segundas intenções.

Nas rodas de música, eu não podia tocar. Violão era coisa para homem. Jogar bola, então nem pensar. Eu gostava de dançar, até começar a perceber os olhos.

Daí não pude mais.

Os homens ao redor, que pareciam meus amigos, me olhavam com lances indiscretos que despiam, e a culpa acabava chegando até mim. Minha e da minha roupa curta, que cobria tudo, nada mostrava, mas, ainda assim, “chamava atenção”.

A culpa tinha uma capacidade impressionante de encontrar meu endereço. E ela tinha as chaves das portas.

Desde Eva é assim. Mas eu não comi a maçã. Nem Eva comeu sozinha.

Já aconteceu de eu desconfiar de mim mesma. De me perguntarem tantas vezes se eu tinha certeza que, em algum momento, comecei a achar mais fácil acreditar que talvez estivesse confundindo as coisas.

Talvez não tivesse acontecido exatamente como lembro. Talvez eu tivesse exagerado. Talvez. Há lembranças que, de tanto serem contestadas, começam a perder contorno. Até hoje tomo meus comprimidos. Já têm gosto de pastilha refrescante.

Meu maior medo, porém, continua sendo andar na rua. O escuro me assusta. Sou alvo. Um alvo que não chamou a seta, que não convidou inimigo algum para entrar e que não quer ser invadido.

Não temo perder o celular. Hoje, às vezes, temo menos até perder a vida — porque meu medo é também não saber se reconheceria o meu algoz.

Se seria um estranho. Ou alguém cujo rosto já me tivesse feito sorrir. Alguém que talvez um dia eu tivesse amado.

Tenho medo de ser invadida sem consentimento, por alguém que decide que meu corpo lhe pertence e me deixa carregando uma sujeira que nunca foi minha.

Aprendi a reconhecer sons: um carro diminuindo a velocidade, passos acelerando, uma voz chamando, uma mudança de direção, uma chave entre os dedos.

Aprendi a desconfiar do estranho. Mas ninguém me contou direito sobre o conhecido.

Talvez por isso eu caminhe depressa. Talvez por isso olhe para trás. Talvez por isso avise quando chego.

— Moça!

A farmácia estava a menos de vinte metros quando uma mão tocou meu ombro.

Girei de uma vez.
Era um rapaz. Talvez vinte anos. Estava ofegante e estendeu alguma coisa.
Meu crachá.
— Caiu lá atrás.
Demorei a entender. Ele sorriu, sem graça.
— Você deixou cair.
Peguei.
— Obrigada.

Ele voltou pelo mesmo caminho. Fiquei parada. Meu corpo não acreditou nele imediatamente. O coração continuou correndo e as pernas tremiam. Entrei na farmácia mesmo sem precisar comprar nada.

Fiquei alguns minutos diante de uma prateleira de xampus, fingindo escolher entre cabelos secos e danificados.

Depois ri. Baixo. Sozinha. Não dele. De mim também não.

Ri porque era absurdo sentir alívio por um homem não ter feito nada, como se não fazer nada fosse uma espécie de bondade extraordinária.

Como se eu devesse ser grata.

Olhei meu crachá. Meu nome estava ali. Minha fotografia. Eu. Guardei-o. Foi então que pensei no que sempre nos dizem.

Cuidado com estranhos. Não aceite carona. Não ande sozinha. Não volte tarde. Não beba demais. Não vá ali. Não use isso.

Mas quase nunca nos dizem que o perigo pode não estar na rua. Pode não ter o rosto de um desconhecido. Pode saber o nome da sua mãe, conhecer sua casa, saber onde ficam os copos e entrar sem bater.

Pode dizer que ama. Pode ter a chave. Pode dormir ao seu lado. As mulheres que morrem nem sempre morrem numa rua escura. Saí da farmácia. Ainda faltava um quarteirão.

Dessa vez, não havia passos atrás de mim. Ainda assim, olhei. Uma vez. Duas. Três. 180º.

O homem do crachá já havia desaparecido. O cachorro continuava no lixo. O mercado estava fechado. Nada tinha acontecido. E talvez esse fosse o problema.

Nada precisava acontecer para que eu sentisse medo.

O medo já estava lá. Veio comigo desde menina. Vestiram-no em mim junto com aquela primeira camisa.

Ensinaram-me a fechar as pernas, baixar os olhos, apertar o passo, mandar localização, avisar quando chegasse.

Ensinaram-me a sobreviver.

Nunca me ensinaram como seria viver sem precisar disso. Meu celular vibrou. Era uma mensagem da minha mãe:
“Chegou?”
Ainda faltando um quarteirão, respondi:
“Cheguei.”

Fiquei olhando aquela palavra na tela. Tão pequena. Tão comum. Cheguei. Talvez ninguém entenda o tamanho dessa palavra. Talvez só uma mulher. Guardei o celular e continuei andando.

E, por alguns segundos, desejei um mundo em que chegar não fosse vitória.

Fosse apenas destino.